

APRESENTAÇÃO

Uma revista que se pretende um espaço Institucional para o debate teórico-metodológico-epistemológico em História, não pode isentar-se das questões que se fazem presentes no fazer historiográfico atual. Trata-se daquilo que ficou conhecido por “Pós-modernidade”: temática ou conceito que amiúde não é bem quisto pelos historiadores (as) em virtude de sua característica que é a dificuldade de se chegar a um consenso sobre a sua própria identidade. As perspectivas se multiplicam.

Com um dossiê que apresenta algumas discussões sobre a historiografia pós-moderna, a Revista proporciona ao (a) leitor(a) um quadro de autores (as) que se lançam à empresa de investigar ou mesmo precisar alguns aspectos da historiografia Pós-Moderna. Diante disso, Amanda Steinbach trabalha a relação entre história e psicanálise procurando ampliar as possibilidades da escrita da história pelo viés de uma história dos sentimentos. Daniela Nunes se propõe a discutir questões pertinentes à prática da pesquisa histórica atual. Gabriel Giannattasio e Guilherme Bordonal discutem a relação entre dois grandes paradigmas, a saber, o moderno e o pós-moderno. Rodrigo Marquez investiga um dos mais significativos historiadores ditos pós-modernos, Hayden White, e o faz a partir das críticas que lhes fora dirigidas. Encerrando o dossiê, Sérgio Coutinho tece um intenso debate entre a “Virada Linguística”, em seu formato habermasiano, e a prática da Micro-história.

Outros cinco autores complementam este Número. Frederick Alves discute a filosofia da história no jovem Nietzsche. Breno Mendes expõe a revolução historiográfica que emana das obras de Michel Foucault e Paul Ricoeur. Jeferson Rodrigo trata dos limites e possibilidades do livro didático como um documento para o fazer histórico. Fabrício Monteiro trabalha a filosofia marxista para um repensar da história social contemporânea. Flávio de Oliveira proporciona um breve itinerário histórico do conceito de representação sob o prisma da epistemologia. Finalizando o Número, contamos ainda com uma resenha sobre um dos últimos livros de Gianni Vattimo e uma entrevista concedida pelo presidente da Associação Nacional de História, Durval Muniz.

Os Diretores